

Herdades

Marcelo Veloza Yamanoi



À minha mãe, por sustentar em seus braços o peso
de nossa história,

Aos meus amigos, amores e pessoas queridas, a
família que construo diariamente,

Às minhas avós, Yoneko Tanaka e Maria Miranda,
pilares de minhas famílias.

Agradeço à minha orientadora, Sumaya Mattar, por todo o acompanhamento, orientação e abraços. Por me mostrar que arte e educação não são em medida nenhuma áreas separadas.

Agradeço especialmente meu amigo Leo Todesco e a equipe do Estúdio em Obra, cujas fotos permitiram que meu trabalho alcançasse lugares nunca antes almejados.

Agradeço também a Tami Tahira e Alexandre Oshiro por comporem não só a banca avaliadora, mas também uma teia de trocas, que muitas vezes influenciaram diretamente minha produção como artista e educador.



Herdades, 2022 - 2023,
grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite,
medidas variadas.
Foto por: Estúdio em Obra.

Eu não tenho certeza sobre mim



Herdade I, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Não sei bem quem eu sou



Herdade II, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Tenho medo de não ser tudo



Herdade III, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Sinto falta do que nunca vivi



Herdade IV, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Tenho saudades do passado dos outros



Herdade V, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Sinto medo de perder o depois



Herdade VI, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Tenho saudade das chances que perdi



Herdade VII, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

O presente sempre é passado aqui



Herdade VIII, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Mora em mim a eterna ansiedade



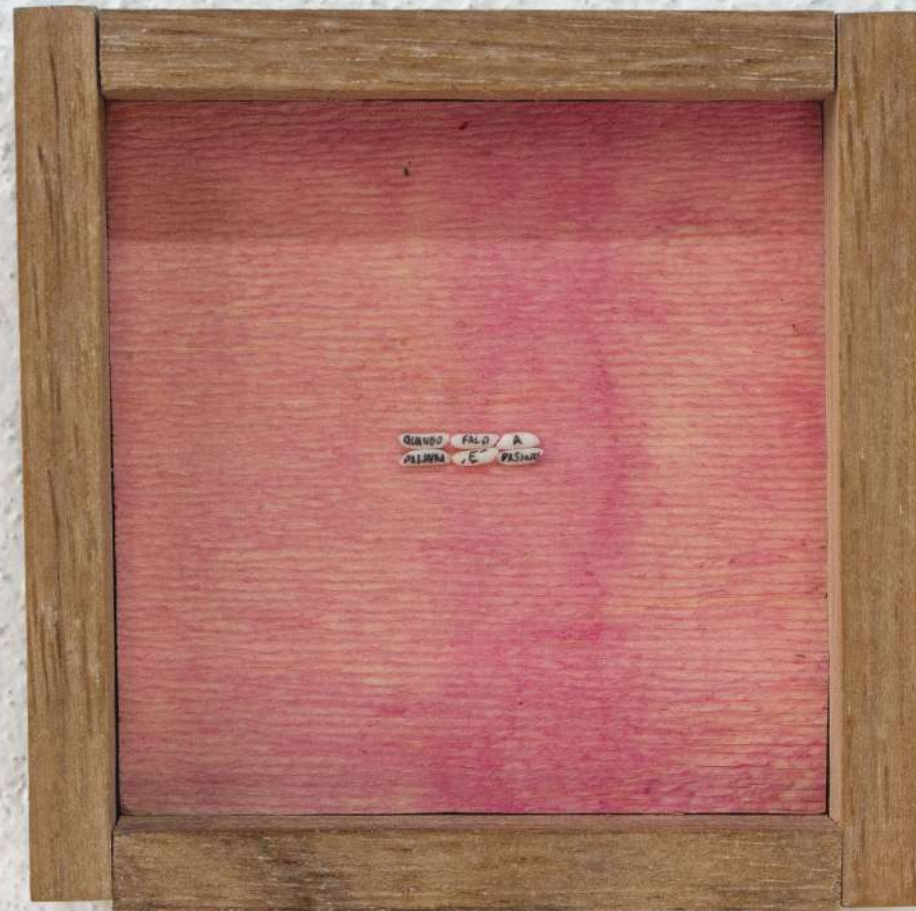
Herdade IX, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Quando penso na palavra, é futuro



Herdade X, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Quando falo a palavra, é passado



Herdade XI, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

O presente só existe na memória



Herdade XII, 2022 - 2023, grãos de arroz gravados com nanquim sobre madeirite, 12 x 12 cm

Herdades

Eu não tenho certezas sobre mim.

Não sei bem quem eu sou.

Tenho medo de não ser tudo.

Sinto falta do que nunca vivi.

Tenho saudade do passado dos outros.

Sinto medo de perder o depois.

Tenho saudade das chances que perdi.

O presente sempre é passado aqui.

Mora em mim a eterna ansiedade.

Quando penso na palavra, é futuro.

Quando falo a palavra, é passado.

O presente só existe na memória.

Introdução

Muitas vezes, o processo de um trabalho de arte é confuso, avançando por muitos caminhos paralelos até que um pequeno desvio leve os caminhos a uma interseção. Não é fácil narrar a forma como um encontro com fotografias antigas desembocou em grãos de arroz gravados com poemas na parede de um museu. De um ponto de vista completamente pessoal e particular, traz um compilado de escritos sobre o meu processo de feitura e maturação de um trabalho de arte e uma versão gráfica do mesmo. No caso, da obra ‘Herdades’.

Obra, aliás, permitindo-me o direito ao devaneio, é uma daquelas palavras que carregam em si uma constante multiplicidade de significados: o processo construtivo de um edifício, o conjunto de toda a produção de alguém, ou mesmo um único trabalho. Trabalho que pode ser feito pela mão de um artista, acadêmico ou mesmo operário. Obra é um conjunto de coisas ao mesmo tempo. Como toda palavra, ganha sentido apenas pelo seu contexto. Arte também.

Foi, aliás, no encontro de uma palavra — também cheia de significados — que os caminhos em processo se colidiram:

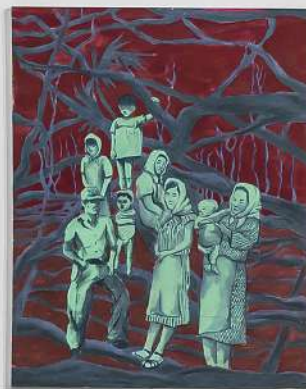
“Herdades”. É herança, é também propriedade rural.

É também estranha enquanto palavra, parece estrangeira.

Ressoa de uma latinidade que parece não brasileira, mas é. E dessas lacunas de significado deixadas, nasce a vontade de produzir e, maior até que a vontade, a certeza de que a produção faz sentido.

Ainda assim, durante o processo de criação desses textos, me perguntei se escrever sobre “Herdades” seria limitar a sua interpretação. Se escrever sobre o processo que me levou a gravar os grãos de arroz fosse tirar das palavras neles inscritos a abertura para a sua multiplicidade de significados possíveis. Por outro lado, contextualizar a obra parecia afirmar minha posição de artista.

Os capítulos deste trabalho não compõem uma narrativa necessariamente contínua. São escritos individuais e independentes que quando compilados e relacionados apresentam parte da base formulaica da minha produção recente. Foram feitos para serem lidos em qualquer ordem que prefira, ainda que para facilitar a organização estejam, nesta versão, dispostos em uma ordem quase cronológica.



Alvitre

Em meio ao pó, quinquilharias, traquitanas, amontoados de objetos guardados num depósito de forma duvidosa para um iminente improvável uso futuro. Encontro sacolas de mercado completamente cheias de fotografias em preto e branco, reveladas a prata, amontoadas numa sacola plástica que data de pelo menos uma década atrás. O conteúdo ali reunido ousa ser ainda mais antigo, datando dentre os anos 40 e 80 (me guiando pelas notas escritas em algumas delas). Tais fotos, agora subjugadas a um complexo acumulador de pó e fonte de alimento para traças, trazem consigo a história de minha família paterna.

As fotografias têm temas variados, retratos em sua maioria. Alguns individuais, produzidos. Outros em situações corriqueiras do cotidiano: passeios, brincadeiras e trabalho. Muitas

Conjunto de algumas das fotos de família encontradas



fotos retratam famílias: pai, mãe, filhos, de bebês até jovens adolescentes. Muitas fotos retratam casais, noivos, noivas, fotos que provavelmente foram dadas de presente aos convidados dos matrimônios. Muitas fotos retratam militares, os homens da família em suas fardas, posam ao lado de aviões ou de suas armas. Muitas fotos retratam trabalhadores, homens e mulheres, com roupas grossas, grandes chapéus, pele escura queimada do sol, enxadas em riste. Muitas fotos retratam as jovens moças, recatadas com sombrinhas sob o sol, sorrindo em passeios com as amigas, posando para fotos de grandes turmas de aulas de costura. Muitas fotos retratam crianças, emburradas em frente à câmera, brincando distraídas, com bonecas, carrinhos e ferramentas.

Algumas fotos em especial chamam minha atenção. Vejo os rostos dos jovens, das crianças, e me pergunto se algum dia conheci alguma daquelas pessoas. Imagino se alguma daquelas meninas era uma das minhas tias, se algum dos garotos ali poderia ser meu pai, se alguma daquelas jovens moças com sombrinhas debaixo do sol escaldante poderia ser minha batian. Eu vejo aqueles rostos que não conheço e fantasio sobre o que eles poderiam me contar, fantasio sobre que história minha avó contaria de cada uma daquelas fotos, de cada uma daquelas pessoas, de cada um daqueles

cenários, daqueles casais, daqueles passeios. É engraçado, eu vejo aquelas fotos e não encontro semelhanças com os parentes que conheci, então paro por um segundo e tento me lembrar dos seus rostos e percebo que não reconheço meus parentes ali naquelas fotos porque também não os reconheço em minhas memórias.

Diferente dos anônimos das fotos, que conheço agora apenas seus rostos, sem qualquer ideia de seus nomes ou histórias. Eu não consigo me lembrar do rosto dos parentes que conheci, embora destes eu saiba os nomes e histórias de vida, do começo, meio e alguns fins. É estranho como o tempo leva as coisas embora, os fragmentos da história vão então se espalhando em meio ao tempo. Resta-nos juntarmos ou esquecerê-los, é uma tomada consciente. Apenas alguns anos são capazes de apagar completamente imagens e pessoas de nossa memória, o processo constante de lembrar e pensar naquilo que passou é também uma forma de manter viva a história. Penso nisso com a consciência de que perdi oportunidades de colheita de história.

Quando vejo essas centenas de fotos agora amontoadas em ordem aleatória numa sacola plástica eu só consigo pensar em minha avó. Que guardava essas mesmas fotos dentro

Retrato em Família, 2023,
cal e tinta de cola sobre madeirite, 55 x 44 cm



Foto por: Estúdio em Obra

de uma gaveta. Que nunca me mostrou essas fotos. Que eu também nunca perguntei sobre sua história. Agora me resta supor, cavar, inventar, fantasiar. Como num processo arqueológico imaginário, reconstruir uma identidade desconhecida.

Eu espalho as imagens sobre meu colchão, lembro das minhas aulas sobre preservação de fotografias e penso sobre como eu estaria ali fenestrando os protocolos de cuidado de acervo. Penso também que ao menos meu colchão é um lugar melhor do que a sacola de mercado com traças, talvez elas estejam mais confortáveis ali. Naquele momento de intimidade tenho uma consciência estranha de que agora aqueles objetos espalhados pela cama são meus, agora aquelas fotos são minhas. Independentemente da sua origem, elas estão aqui, diante de mim e sob minha guarda. Cabe em mim a perpetuação dessas imagens, sua guarda ou sua mostra.

As imagens então passam a habitar por dias minha cama, que de certa forma se torna uma grande mesa. Onde olho e separo as imagens, por tipo, por interesse, por vontade. Enquanto as imagens tomam meu quarto e me expulsam para o sofá eu lembro da minha avó. Lembro do seu hábito de re-

zar para os antepassados e oferecer arroz para eles todos os dias. Acho engraçado que esse processo de ajoelhar diante da cama para manusear as imagens me lembra minhas antigas tentativas de oração, mas dessa vez, consagrando o meu passado assim como minha batian fazia.

Quanto mais eu organizo as fotos mais eu penso que não quero que elas sejam mais do que minhas fotos, não sei se quero mostrá-las para desconhecidos, expor uma parte de mim que eu ainda não decifrei. Nesse momento eu fixo meu olhar para o meu grupo de fotos favorito, as fotos com as crianças. Eu penso que talvez sejam aquelas as pessoas que podem ter atravessado o tempo até mim, talvez eu as conheça, talvez eu já as tenha visto nos antigos encontros de família ou atuais enterros de parentes. De certa forma são essas as fotos com quem eu mais sinto que posso dialogar, desse diálogo nasce a vontade de transformar esse encontro com o passado em um trabalho de arte.

Fiz muitos esboços a partir das fotos. Dois deles se tornaram pinturas. Nesse momento, as fotos me devolvem a cama e passam a ocupar a mesa do meu ateliê, saindo do lugar intimamente meu e passando para um lugar onde eu intimamente construo para o outro, competindo e dividindo espaço com meus pigmentos, pincéis e tintas. No ateliê as fotos

ganham um corpo, o processo de pintar é também um processo de conversa e construção, pintar me entrega sobre as fotos um novo tempo, um tempo de reflexão e imersão em cada imagem. Produzir arte em homenagem a algo é em alguma dinâmica minha forma de rezar e homenagear o passado, me conectar com as coisas despendidas de mim, me dar tempo de reflexão.

A primeira foto a se tornar pintura mostra uma família, todos posam juntos para a foto, o cenário é de uma floresta com árvores retorcidas, as crianças e adolescentes se equilibram nos galhos tortuosos enquanto os mais velhos se mantêm junto ao chão, no primeiro plano uma mulher segura um bebê que parece olhar para seus parentes ao fundo. Sob o sol forte parte dos rostos desaparecem nas sombras, cobertos por bonés, lenços e franjas. No momento em que me encontrei com essa foto, travei. Era como a materialização das minhas incertezas, uma árvore genealógica de fantasmas, rostos que eu não conseguia definir, mas que de alguma forma eu me sentia próximo. A foto é linda, me perguntava frequentemente do sentido de pintar uma imagem tão forte, eu não pintava bem o suficiente para melhorá-la, mas pintar era como uma forma de consumir a imagem pra mim, me aproximar daquelas pessoas, torná-las parte de quem eu sou.



Crianças, 2023,
cal e tinta de cola sobre
madeirite, 55 x 88 cm

Foto por: Estúdio em Obra

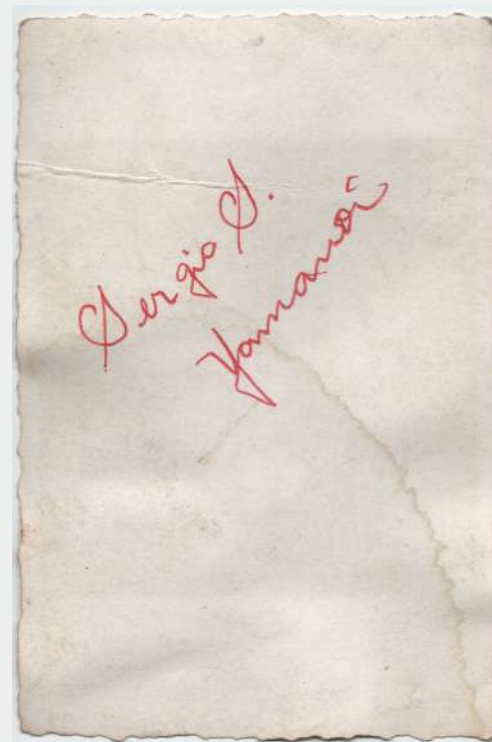
A segunda pintura que fiz tomou outros caminhos. Começou baseada na foto de quatro crianças, um garoto, duas irmãs gêmeas e uma garotinha mais nova, todas as garotas posaram segurando bonecas, as quatro crianças estavam alinhadas em ordem crescente da esquerda para a direita, em frente a um cobertor que servia de cenário. Quando transformada em pintura o cobertor ao fundo se transformou numa grande representação de godzilla, as crianças gêmeas no centro da foto carregavam agora bebês completamente verdes, assim como a figura monstruosa estampada no cobertor ao fundo. Dessa vez, mais do que apenas pensar sobre a imagem e seu tempo enquanto pintava eu também inseria contexto através de escolhas, os bebês verdes filhos de uma geração tocada pela guerra e pela cultura pop (duas das minhas visões sobre o monstro gigante) eram uma representação de mim, ao menos de como eu via minha geração. Filhos de uma mancha na história.

Semanas depois de ver diariamente aquelas fotos, principalmente as que escolhi pintar, encontro uma série de cópias de um bebê sozinho, sentado em uma cadeira, seu rosto está meio desfocado, iluminado manualmente na revelação da foto, em várias tentativas de salvar uma imagem escura. Talvez por conta desse “defeito” de qualidade eu não tenha

dado tanta atenção para aquela foto num primeiro momento.

Mas aquele bebê pacífico tão fantasmagórico e brilhante como uma luz na escuridão passou a me chamar a atenção. No verso de uma dessas fotos eu leio o nome do meu pai “Sergio Seigi”, não o reconheci naquele pequeno rosto rechonchudo, mas ali depois de semanas debruçado naquelas fotos encontrei minha âncora em meio a todos aqueles rostos sem nomes, em meio a tantos desconhecidos ao menos uma criança eu conheço, meu pai, ali sentado, tão distante num outro tempo.

Acho engraçado, que de repente, não fazia mais sentido pintar aquelas imagens. Eu me via finalmente parte de tudo aquilo.



Frente e verso de fotografia familiar. 9 x 6,5 cm

Amenta

Por volta dos meus 11 anos minha avó paterna veio morar com minha família, eu a conhecia pouco, não sabia nem mesmo seu nome, para mim ela sempre foi 'Batian' (avó em japonês). Ela tinha perdido seu segundo marido recentemente, tinha sido expulsa da casa por seus enteados. Em casa, falávamos disso com descrição, em quase mudas palavras.

Passo uma a uma por todas as fotos; diversos rostos permeiam diversos tamanhos daquele amontoado de papel levemente amarelado; um conjunto complexo de histórias: fotos de casamento, de família, de lavoura, de lazer. Com seus rostos majoritariamente sérios, como a feição de fantasmas que rompem o tempo, permanecem intactos apenas os rostos daqueles que no seu instante mantiveram estáticos para a fotografia. Homens, mulheres e crianças. Um grande conjunto de pessoas que pra mim quase nada significam. Eu não sei seus nomes, não conheço seus rostos.

Essa coleção de fotografias foi deixada por minha ba-chan (avó), mãe do meu pai, e talvez ela em seu tempo de vida pudesse me revelar as histórias ali registradas, porém agora aquele amontoado de rostos é apenas uma fonte abstrata para a construção de uma memória, da história da minha família, da história da minha avó, da minha história.

Observando os estranhos percebo contínuas semelhanças. Seus olhos puxados, seus cabelos grossos e levemente ondulados, sua expressão de vazio. Não tenho a capacidade de reconhecer naquelas imagens minha avó, meu pai, minhas tias ou qualquer outro conhecido, porém existe algum conforto em encarar pessoas parecidas comigo. Tudo que eu sei sobre essas pessoas é que eu nada sei sobre elas. Não existem mais conexões ou registros que me liguem verdadeiramente junto dessas misteriosas identidades. Minha única possível fonte de histórias, nomes e vivências está hoje tão distante quanto a maior parte destas pessoas retratadas. O tempo leva também a história não dita.

Me parecia um destino muito triste: viver, dedicar sua vida a algo, envelhecer e perto do fim da vida, perder seu lugar no mundo. Tinham anos que ela morava com o agora falecido marido no Rio de Janeiro, num grande sítio, com uma enorme plantação de coco e acerola. Tenho memórias marcantes dessa casa e desse lugar, a viagem durava horas, uma longa viagem para o interior do Rio de Janeiro, diferente do imaginário popular eu não encontrava praias belíssimas e corpos bronzeados, acabava em meio a plantações que para meu tamanho pareciam infinitas, encontrava coqueiros altos que eram escalados por pessoas de testa bronzeadas,



Yoneko Tanaka Yamanoi,
fotografia, 4 x 3 cm

quase sempre pingando suor sobre o corpo coberto de vestes grossas. Nesse sítio vivi muitas coisas pela primeira vez, vi fogos de artifício sendo lançados, vi cajus e suas castanhas, vi um coqueiro em chamas por um erro de mira com os fogos, li uma coleção de revistas sobre dinossauros, fugi de um morcego, deitei num carpete verde enquanto via uma parede roxa, toquei num piano pela primeira vez, usei um bidê por pura curiosidade, vi a memória do marido da minha Bachan indo embora, descobri o que era alzheimer, ouvi minha Bachan gritando em desespero porque seu marido não lembrava mais quem ela era ou quem ele era.

Um dia enfim o marido de minha Bachan faleceu, o nome dele era Massanori Taniguchi, sabia seu nome porque ele não era meu avô. Me lembro de ter sentido pela primeira vez na vida um alívio pela morte de alguém, pra mim parecia o maior de todos os desesperos viver sem lembrar, esquecer até mesmo das pessoas que partilham a vida com você, esquecer da sua história. Foi com a morte dele também que eu descobri que existem outros jeitos de esquecermos a história de alguém próximo. Alguns dias após a morte de Massanori minha Batian foi convidada a se retirar. A casa que ela morou por anos não a reconhecia mais como parte daquele sistema. Enquanto seu marido não conseguia encontrar lem-

branças da minha avó por causa da doença, os seus enteados também não conseguiam reconhecê-la como parte daquele ambiente, daquela família. Ela então foi esquecida.

Minha batian veio então para São Paulo, morar de forma quase nômade na casa de seus filhos, meses na casa de um, meses na casa de outro, foi a primeira vez na vida que passei mais que alguns dias convivendo com minha avó. Algum tempo depois ela adoeceu, meu pai e minha mãe foram os membros da família que se dispuseram a cuidá-la, então, pela primeira vez na vida, passei meses convivendo com minha batian.

O nome de minha avó era Yoneko Tanaka Yamanoi. Em minhas memórias ela era uma senhora magra, rabugenta e reclamona, mas tinha também um sorriso muito bonito e sincero, seus olhos pequenos e escuros brilhavam muito, vendia peças de crochê que passava horas crochecendo concentrada, tinha dinheiro escondido em vários lugares de seu quarto, adorava assistir Chaves, tinha muito orgulho de ser japonesa, amava cozinhar e comer. Diante da morte de seu marido ela se dispôs a organizar uma série de rituais, alguns budistas, outros católicos, de reuniões impregnadas de cheiro de incenso com presentes para cada um dos convidados

até missas em igrejas cheias onde o nome de Massanori era citado apressadamente apenas uma vez.

Mesmo tendo sido rejeitada e abandonada pela família de seu ex marido ela rezou, rezou para ele todos os dias. Trouxe para nossa casa um Butsudan, um altar de madeira que tradicionalmente ocupa as casas de descendentes de japoneses, nesse pequeno altar existiam dois totens de madeira com dois nomes entalhados, em kanjis que eu não sabia ler, de meu ditian (avô), que não cheguei a conhecer, e do recém falecido segundo marido de minha avó. Todos os dias, minha avó separava parte do nosso arroz de refeição e oferecia para esse altar, por duas vezes ao dia acendia um incenso e rezava.

Penso com frequência nisso, aquela foi a primeira vez que vi alguém rezar para algo que não fosse 'Deus'. Era como uma conversa, um apelo, para que aqueles que vieram antes e partiram ansiosamente do mundo seguissem guiando a vida dos que ficaram. De certa forma eu achava aquilo bonito.

Com o passar do tempo minha avó parou de levar o arroz para o altar, parou de acender os incensos, parou de sentar por horas em frente aquela pequena arquitetura de madeira. Aos poucos minha avó foi se distanciando do mundo, fra-

gilizando, até que se tornasse mais um daqueles pequenos totens de madeira com seu nome entalhado, em kanjis que eu não sabia ler.

Então eu me deparei com aquela caixa de madeira, com nomes de dois homens que mal conhecia e agora com o nome da minha batian, que eu conheci nesses meses de contato. Junto com minha família tentamos manter o costume de levar o arroz até o altar, tentamos manter o costume de acender os incensos, eu tentei rezar, mas eu não consigo rezar.

Eu não consigo rezar. Eu nunca consegui rezar. A voz na minha cabeça não para, talvez seja egoísmo ou autoconsciência. Não consigo orar ou meditar, não há espaço, não há silêncio, não consigo conceber interlocutores além de mim. Mas ainda existe na reza um fascínio.

No caminho entre meu trabalho e minha casa existe uma lanchonete que funciona em um trailer, onde dia após dia, antes de abrir a portinhola dedicada aos clientes na calçada, o cozinheiro e sua filha se reúnem, um de frente para o ou-



Meu pai, minha irmã, eu e minha avó,
detalhe de fotografia.

tro, com as mãos dadas e olhares cabisbaixos, enfim rezam. Não sei o que falam ou suplicam, não sei com quem conversam, apenas os vejo de longe, da calçada oposta, através da janela dos fundos, concentrados e isolados da movimentada cidade em sua volta. Diariamente eles dedicam alguns minutos para esse ritual.

Lembro da infância, onde eu e minha irmã éramos diariamente convocados a rezar antes de dormir, reza simples, um “pai nosso” seguido por momentos silenciosos de pedidos de saúde e benção. Anos se passaram comigo repetindo esse ritual, até que enfim criei coragem para confessar que eu nunca consegui pedir nada, enquanto minha mãe e irmã se concentravam em conversar com o divino, a voz da minha mente calculava por quanto tempo eu deveria fingir, por quanto tempo deveria manter meus olhos fechados e mãos juntas sem que eu parecesse um herege. Mas não foi sempre assim. Nas primeiras vezes eu tentei, falava mentalmente sobre meus desejos mais puros, porém o único que me escutava era eu mesmo, que rebatia consistentemente minhas palavras com tácitas imagens e verborragias, inundava a pureza consciente das minhas mudas palavras com os mais mundanos pensamentos, eu falava comigo e insistia em di-

zer que ninguém além de mim me ouviria.

Em um certo momento me dei conta que aquele ritual não fazia sentido para mim, mas fazia para os outros, parece uma observação óbvia quando paro e observo hoje em dia, mas naquela época essa constatação me trazia frustração, a vida parecia simples, mundana e vazia demais sem um propósito divino.

Foi então que minha batian me apresentou um novo horizonte para olhar, o interlocutor da reza deixou de ser divino, passou a ser mundano, o mais mundano possível, ela não rezava apenas para ‘Deus’, um conceito abstrato demais para o meu entendimento, ela rezava para aqueles que ela viu, conviveu, que fizeram parte de sua vida e tinham partido, aqueles que acompanhavam sua caminhada e que de certa forma seguiriam acompanhando seu passar do tempo. Até que enfim ela se tornou minha interlocutora. Porém mesmo assim, eu não consegui rezar.

Aos poucos não colocava mais arroz em frente ao altar, aos poucos percebia que o cheiro de incenso me incomodava, aos poucos parei de tentar rezar para minha avó, aos poucos a porta do butsudán foi fechando, aos poucos ele acumulou



pó, aos poucos não existia mais espaço na sala para aquela grande caixa de madeira, aos poucos eu fui me distanciando dela, aos poucos eu fui esquecendo do seu rosto, da sua voz, da sua presença.

Aos poucos o tempo levou boa parte da minha avó, eu só queria poder rezar, para não esquecer.

Minha mãe, eu, meu pai, minha irmã, minha prima e minha avó, fotografia, 10 x 15 cm.

Haveres

Nem sempre eu soube que era uma pessoa racializada.

Não gostei quando descobri.

Na juventude, eu negava tudo que me conectava à minha herança nipo-brasileira: rejeitava boa parte da comida, a cultura, a língua e até mesmo minha própria aparência.

Tinha 5 anos de idade quando descobri que era uma pessoa asiática. Lembro que, na época, pedi para um colega de classe me deixar brincar com seu brinquedo, um boneco imponente do Megazord. Eu amava Power Rangers. Ele sempre levava os dois bonecos gigantes para a escola, guardando-os como tesouros intocáveis. Finalmente criei coragem, sempre quis ter um boneco daqueles, e perguntei se poderíamos brincar juntos. Ele respondeu com um ríspido e rápido “não” e, quando perguntei o porquê, me disse algo próximo de: “Eu não gosto de gente esquisita, japonês, com olho esquisito igual você.”

Eu não entendia qual era a diferença entre os meus olhos e os dele. Na hora, pensei que era porque ele tinha olhos azuis e eu, castanhos, mas quase todos os meus colegas tinham olhos castanhos. Será que ele brincava apenas com quem tinha olhos azuis? Depois, descobri que ele se referia aos meus

olhos puxados.

Essa história hoje me parece um pouco cômica. Principalmente porque, algum tempo depois, descobri que as cenas que me encantavam em Power Rangers eram, na verdade, cortes de um seriado japonês. Os atores americanos gravaram apenas momentos onde os guerreiros coloridos estavam desmascarados; no resto, eram exibidos cortes de Super Sentai - Kyoryu Sentai Zyuranger (1992). Foi uma das primeiras faíscas de orgulho em minha identidade asiática.

Anos mais tarde, eu me tornaria fã de cultura pop japonesa.

A minha única conexão amistosa com o Japão vinha da comida, mais especificamente por uma comida que tanto eu quanto minha avó gostávamos muito: Moti.

Uma espécie de bolinho feitos de moti-gohan, um arroz especialmente glutinoso, mais do que os próprios arrozes tradicionais para culinária japonesa, que é batido até que crie uma liga com seu próprio amido.

Comíamos moti com certa frequência. Principalmente no lanche da tarde ou no café da manhã, e sempre comíamos moti no Ano Novo. Minha avó mantinha a tradição de que comer moti na virada do ano traz sorte. Todo dia primeiro, no

auge do calor do verão, a família toda se reunia para comer Ozoni uma grande sopa quente, com macarrão udon, ovo, cebolinha, caldo de peixe e, obviamente, moti.

Das diversas formas de comê-lo, a minha favorita sempre foi frito, embebido em um pouco de molho shoyu, salgado. Minha batian, por outro lado, comia o moti sempre com uma porção de açúcar junto ao shoyu, agridoce. Parece uma diferença simples no paladar. Mas, na época, aquela pequena quantidade de açúcar ultrapassava um limite para mim; agridoce era japonês demais.

Sempre que recebia um amigo ou um colega em casa, a primeira coisa que eu queria fazer era apresentar minha comida favorita. Lembro das reações frequentes:.

“Não tem gosto de nada.”, “É grudento demais.”, “É estranho.”

Naqueles momentos, enxergava nos outros uma crítica, que, de certa forma, também existia em mim: um preconceito com as coisas diferentes que minha família gostava, que minha avó ensinava, coisas que para mim pareciam japonesas demais.

Lembro que, quando minha batian adoeceu e passou a mo-

rar em minha casa, eu estava começando a me interessar pela cultura japonesa. Era a época em que os desenhos japoneses estavam se tornando populares, e, pela primeira vez, eu sentia que existia algo asiático que todas as pessoas gostavam. Algo que transcendia os muros da minha casa e conquistava o mundo. Minha batian ficava muito feliz quando me via consumindo jogos e animações em sua língua materna, mesmo que já não entendesse quase nada do que era dito. O japonês que ela havia aprendido quando criança já não era o japonês que falavam hoje em dia.

Com sua presença constante e minha recente boa vontade com parte da cultura japonesa, eu me vi experimentando moti com shoyu e açúcar pela primeira vez, assim como ela sempre fazia. Tenho uma memória viva de colocar um pouco de açúcar no prato, escondido, evitando olhares in-existent enquanto cruzava aquela linha autoimposta. Então eu comi, pela primeira vez, a minha comida favorita de um jeito completamente novo, o jeito que minha avó sempre comeu. Para minha surpresa, era bom.

Minhas incertezas e preconceitos atingiam até minha comida favorita, me fazia duvidar. Eu reclamava do gosto agridoce. Reclamava da sopa quente no verão. Mas, na verdade, eu sempre amei o gosto de tudo aquilo. Na virada do ano,

ficava pescando motis perdidos na grande panela de sopa, mesmo que o calor tomasse conta de mim. Na hora de comer o bolinho frito de arroz no café da manhã, eu sempre quis experimentar aquele punhado de açúcar salgado com molho de soja. Mas, ao mesmo tempo, eu desejava escapar, apagar os traços que me faziam parecer japonês demais, ser mais brasileiro.

Em certo momento da minha vida, anos depois do falecimento de minha avó eu passei a tocar taiko, uma espécie de tambor japonês. Entrei em um grande grupo, com cerca de 40 integrantes. Para as atividades e comemorações esse grupo se unia em torno da comida.

As comunidades nipo-brasileiras têm uma prática em reuniões chamada motiyori. Um costume simples: cada família traz um prato de comida, seja ele doce ou salgado, para que todos possam dividir e aproveitar e comer bem. Todo motiyori era uma experiência gastronômica ímpar, dezenas de pratos das mais variadas comidas se misturavam, quase como em uma ilha de restaurante de self service, eu caminhava ao redor da mesa com um pratinho de plástico criando uma composição do que parecia mais gostoso. Entre sushis, tempuras, motis, oniguiris e outras comidas típica-

mente japonesas as grandes mesas eram também forradas de coxinha, pastel, churrasco, cuzcuz, brigadeiros e bolos.

Meu prato então se tornava uma amálgama de sabores: salgados, doces, agridoces. Comidas tipicamente japonesas, brasileiras, italianas, indianas, chinesas. Naquela grande mesa, trazidas de cada família que compunha aquela comunidade, estavam os gostos únicos de cada história. Sempre que via aquelas pessoas tão diferentes unindo comidas de origens tão distintas em um prato de plástico, lembrava de como, tempos atrás, colocar açúcar no moti parecia uma barreira intransponível.

Naquele momento, toda mistura não só parecia possível, mas correta.

Vista da exposição Pó, 2023, no
Espaço das Artes.



Herdades

O título “Herdades”, evoca simultaneamente o significado de “herança” e de “propriedade rural”, junto com o descobrimento desta palavra, encontrei também o território prático para a criação deste trabalho. Criar um trabalho de arte é para mim uma materialização de abstrações, é uma forma de processar informação, ansiedades e angústias.

Fazer um trabalho de arte é minha forma de rezar, de organizar o mundo, colher os frutos do passado e preparar o solo para o futuro. Tenho gravado em minha memória uma fala de Carlito Carvalhosa, “Tem umas coisas assim que você tem desejos muito antigos e que você demora pra realizar porque você não entende muito o porquê de estar pensando naquilo (...) mas sempre vai funcionar, você só precisa entender porquê que aquilo funciona, o que amarra aquilo.”

Encontrar a forma final das coisas é também encontrar a coisa nela mesma, mesmo que nesse processo você cambaleie por diversos outros lugares. Herdades é construída um pouco desse cambaleio, desse piso tímido em terrenos que eu não conheço mas que intimamente fazem parte de mim. Nasce revisitando um passado da minha família que nunca me foi apresentado, mas que eu passo a acessar através das imagens, das memórias e dos fantasmas que atravessam o tem-

po em objetos físicos. Tem algo de arqueológico aqui, talvez a minha antiga criança que sonhava em descobrir fósseis de dinossauros esteja um pouco orgulhosa. Cavar imagens e lembranças para transformar em outra coisa, acho que é nisso que se baseia a minha pesquisa.

Sempre achei que trabalhos de arte não deveriam ser minuciosamente explicados pelo artista. Acho que o trabalho perde uma área subjetiva muito pessoal de cada espectador, transforma o diálogo entre artista e público num monólogo. Então já aviso aqui, talvez as próximas linhas não sejam relevantes, talvez nenhuma linha escrita neste compilado seja. Ainda assim, não existe outro lugar melhor para registrá-las.

Os 12 poemas que compõem o trabalho foram pensados como versos curtos, de seis palavras, cada uma gravada individualmente em grãos de arroz. Essa estrutura foi inspirada pela concisão característica dos haicais, “Poema lírico japonês, surgido no século XVI, ainda presente nos dias de hoje, com temas da natureza e a sua influência na alma do poeta, composto de três versos com cinco, sete e cinco sílabas métricas.” (HAICAI, 2024).

A repetição da forma em cada um dos 12 versos cria também uma espécie de mantra, quase uma reza, ao lidar com

SINTO FALTA DO
QUE NUNCA VIVI

temas como ansiedade, nostalgia e busca por pertencimento. Cada grão de arroz torna-se um fragmento de memória, uma narrativa que tenta resistir ao esquecimento.

O arroz carrega em si uma dualidade simbólica: é um alimento essencial e de base tanto na cultura brasileira quanto na cultura japonesa, comer arroz praticamente diariamente é tão brasileiro quanto japonês. Minha mãe preferia o arroz solto, aromático, com alho, sal e um toque de cebola. Minha avó, por outro lado, gostava do arroz ao estilo japonês: pegajoso, puro, sem temperos. Em raras ocasiões, ela o temperava com uma mistura de vinagre, açúcar e sal.

Resgato também a prática do motimassu, técnica tradicional japonesa de gravação com nanquim sobre grãos de arroz do tipo moti-gohan (um arroz especialmente branco e glutinoso utilizado para a fabricação de moti), que já foi apropriada pelo imaginário popular brasileiro, onde essa técnica foi popularizada em bijuterias artesanais de feiras urbanas, o famoso “escrevo seu nome no grão de arroz”, muito presente na minha infância nos anos 2000.

O suporte e apresentação também me importam, os grãos de arroz são colocados sobre quadrados de madeirite rosa, emoldurados com ripas de cambará, os materiais mais bara-

tos possíveis da construção civil, mas esse não é o motivo de sua presença ali. Na história recente o madeirite foi o principal material utilizado para separar e demarcar canteiros de obras e terrenos baldios. Não só isso, ele possui essa cor característica, um rosa forte, de um pigmento claramente artificial, que invade a madeira e se revela num grande contraste com a paisagem à sua volta. O madeirite é um material frequente do meu trabalho e aqui representa a demarcação de cada uma das Herdades, herança ou propriedade rural, que quando montadas alinhadas ou em grid mimetizam uma demarcação de terra, quase um conjunto de terrenos, uma rua.

Exige-se também certo esforço do espectador. À distância, apresenta-se como um desenho gráfico minimalista e até monótono de quadrados rosa. Ao se aproximar é possível ver os pequenos grãos de arroz alinhados ao centro daqueles quadrados, ao se aproximar ainda mais pode-se ler os versos gravados no arroz, dessa nova distância o rosa de cada quadro domina o campo de visão e se agiganta. O olho passa então a perceber também o próprio formato da madeira, as linhas rosas, os pequenos grãos e suas pequenas letras em nanquim, quase numa dimensão de pintura. Essa proximidade com o trabalho tenta criar uma relação



íntima entre interlocutor e obra, como se o trabalho lhe contasse um segredo, em palavras quase mudas, cochichadas próximas à parede.

Herdades é, em primeira instância, um diálogo, uma conversa de segredos e suposições abertas à interpretação do interlocutor.

Vista da exposição 31 Mostra de Arte da Juventude,
2024, SESC Ribeirão Preto

Fantasmagoria - Uma conclusão

Eu tenho interesse no uso da palavra desde o meu começo na licenciatura, meu primeiro plano de aula utilizava a escrita como ferramenta de desenho, procurando combater a clássica fala dos alunos “não sei desenhar”, me utilizando de uma habilidade gráfica que todos os alunos dominavam minimamente, a caligráfica. Naquela época eu já era muito influenciado pela caligrafia tradicional japonesa, mas também por uma série de trabalhos de Cy Twombly e Lenora de Barros.

Boa parte da minha formação na licenciatura se deu em uma época marcada por um grande obstáculo, a pandemia. Exigindo aulas que fossem pensadas para acontecer à distância, em isolamentos individuais. Onde muitas vezes eu nem conseguia ver o rosto dos alunos que interagiam comigo. Os alunos foram substituídos por silenciosos ícones de desenhos animados, que na maioria dos raros momentos de fala, usavam as ferramentas de escrita das plataformas de chamada que sediaram as aulas.

Durante a pandemia, a vontade de escrever enquanto ferramenta de produção artística começou a sair do campo de sala de aula e invadir meu próprio trabalho, onde comecei a escrever diariamente textos e poemas sobre como me sen-



Foto encontrada, detalhe.

tia naquele cenário muito específico. Aquele foi um tempo inevitavelmente introspectivo e solitário que foi reverberando na forma com que meu trabalho foi se estruturando dali em diante.

Percebi também uma necessidade de uma busca por identidade, talvez atolado naquele estado individual da pandemia, uma vontade de olhar para dentro. Ao mesmo tempo que ia me entendendo enquanto uma pessoa não binária amarela, me via no processo de me entender como uma pessoa artista. Conheci nessa mesma época o trabalho do artista Do Ho Suh, onde ele construía maquetes em tamanho real de imóveis que marcaram sua vida e trajetória, como em *Home within Home within Home within Home within Home* (2013), onde reconstrói sua casa coreana dentro de uma maquete em tamanho real do prédio onde viveu nos Estados Unidos durante seu período de formação como artista. Criando verdadeiros fantasmas do seu passado, literais autobiografias.

Fantasma, aliás, conceito que passa a me ser caro depois do primeiro encontro do curso Poéticas Artísticas Contemporâneas (2024), no Instituto Tomie Ohtake, onde as artistas Alice Shintani e Yuli Yamagata dialogavam sobre como a ascen-

dência japonesa influenciou não apenas seus trabalhos, mas também todas as etapas de sua vida.

Para Alice, ser mulher japonesa assombrava cada um de seus passos, como um fantasma. Fosse pelas suas dificuldades de comunicação por crescer num lar que não falava português em paralelo com sua vida cotidiana no Brasil, seja pelos limites impostos por uma cultura familiar muito patriarcal e machista, seja mesmo pela ação ativa de preconceito racial, seja por ter proximidade de uma culinária que não era a mesma das pessoas fora do seu círculo familiar. Alice resumia toda essa influência com uma palavra: “fantasma”. E é a própria figura do fantasma que vai guiar também a sua produção pictórica. “Diz-se que no Brasil, as pessoas se dividem entre as que acreditam e as que não acreditam em fantasmas. Os japoneses se dividem entre os que vêem e os que não vêem os fantasmas. Que eles existem, lá ninguém duvida.” (Shintani, 2024)

Nesse mesmo encontro Yamagata apresentava a própria dimensão fantasmagórica na sua produção. Seu trabalho sempre foi muito influenciado pela cultura pop, boa parte pela japonesa. Porém ela só tinha se dado conta de sua identidade enquanto pessoa nipo-brasileira muito recentemente, quando era constantemente chamada para expo-

sições acerca do tema das identidades amarelas (que vem ganhando espaço no universo da arte contemporânea). No caso, ela mesma se sentia um fantasma, não se reconhecendo como parte da comunidade japonesa, nem como parte da comunidade brasileira a qual estava inserida.

Passei a entender minha produção como um assombro, onde existe em 'Herdades' uma tentativa de lembrar e manter consciente uma história muito pessoal, de uma identidade, que é minha, mas que também afeta e dialoga com outras pessoas. Como uma assombração se abrigando em uma casa. É uma autobiografia, porque naquele fantasma moram minhas memórias, mas também é quase um espelho, sujo e manchado, para o olhar do outro, onde minhas memórias são quase invisíveis para aqueles que trombam com os grãos de arroz na parede de uma exposição. Mas estão lá, vibrando ansiosas por uma devolutiva, uma conversa através do contato e interação.

Acredito que o espaço expositivo é onde todo trabalho de arte encontra sua plenitude. Na ida e vinda frente aos quadros. Numa reafirmação do tempo presente e na livre interpretação dos trabalhos expostos. Nas relações que surgem entre interlocutor e objeto.

O tempo dilatado de produção destes escritos me permitiu que "Herdades" fosse posto em confronto com o público três vezes. A primeira, ainda incompleta, na exposição Esconde-Esconde, uma exposição coletiva independente feita por amigos em uma literal casa de vó. A segunda, na exposição de formandos da universidade ao final de 2023. Por fim a terceira, mais recentemente, ao final de 2024 na 31ª Mostra de Arte da Juventude do SESC.

No SESC de Ribeirão Preto tive a oportunidade de pela primeira vez ver meu trabalho sendo acessado não só pelo público como também por um grupo de arte-educadores. O que me possibilitou um contato ainda maior não só com a devolutiva do trabalho, mas com novas perspectivas de interpretação e discussão.

Desencontros amorosos. Crises identitárias. Questões raciais. Ansiedades. Depressão. Medo da vida adulta. Foram algumas das centelhas compartilhadas por visitantes após o contato com o trabalho. Acredito que essas interpretações tornam o trabalho ainda maior do que sua raiz autobiográfica.

Herdades segue em processo de construção, espero que estes escritos possibilitem novos contatos. Novos diálogos.



Vista da exposição coletiva Esconde-Esconde,
2023.